

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NOEMIA YOKO HARADA

IMIGRAÇÃO JAPONESA NA FOTOGRAFIA. MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES

CURITIBA  
2013

NOEMIA YOKO HARADA

IMIGRAÇÃO JAPONESA NA FOTOGRAFIA. MEMÓRIA E SOCIABILIDADES

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial a conclusão do Curso de História, Bacharelado e Licenciatura, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA  
2013

Esta pesquisa é dedicada a todos os imigrantes, especialmente aos pioneiros que desbravaram os sertões do norte pioneiro, e que com sua determinação, trabalho e bravura contribuíram para o desenvolvimento do Norte do Paraná.

Obrigada aos meus avôs e pais por deixaram como exemplo, o pilar que rege nossas vidas: honra, lealdade, respeito e disciplina.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Ser Supremo de todas as religiões.

Às famílias Nakashima, Umebara, Ohara.

À minha orientadora Karina Kosicki Bellotti.

Aos amigos e professores que participaram de minha vida acadêmica.

À minha filha Larissa, companheira e amiga.

A todos que colaboraram com seu apoio e incentivo para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

## RESUMO

Este estudo abordará a fotografia como objeto de análise, a partir da recuperação da memória de imigrantes japoneses, e dos processos de adaptação que envolveu sua integração e aculturação em solo brasileiro. O tema desta pesquisa é a imigração japonesa no Norte do Paraná, através da análise do acervo fotográfico das famílias Nakashima, Umebara e Ohara, no período de 1930 a 1960. O ano de 1930 marca o início da colonização japonesa no norte pioneiro, incentivados pela venda de terras da “Companhia de Terras do Norte do Paraná” em 1932. Já o ano de 1960 foi escolhido por, considerar que as cidades já estão bem desenvolvidas e que as famílias analisadas estão formando sua segunda geração de descendentes. O objetivo foi, através da fotografia, realizar uma retrospectiva da vida destas famílias, percebendo em suas relações sociais e pessoais, e em seus hábitos de vida, aspectos referentes à sua integração e formação de uma nova identidade nacional. Comparando o acervo das três famílias analisadas, percebe-se que o universo destes imigrantes se assemelha. É uma pequena amostra, mas foram importantes, pois revelaram aspectos semelhantes no seu cotidiano, nas manifestações culturais e principalmente, como ainda estão ligados aos costumes e hábitos de sua terra natal. Ao término desta pesquisa, constatou-se a importância da fotografia como uma eficiente fonte de pesquisa histórica, e constitui-se igualmente importante, assim como os textos e testemunhos orais. Para esta análise, a fotografia foi uma rica fonte de investigação e recuperação da memória deixada pelos imigrantes, e uma fonte aberta às novas indagações sobre o seu uso, e sobre a colonização japonesa no Brasil, que aqui não foram contempladas.

Palavras-chave: fotografia, imigração japonesa, memória.

## ABSTRACT

This study will approach the photograph as an object of analysis, from the memory retrieval of Japanese immigrants, and from the adaptation processes involving their integration and acculturation on Brazilian soil. The theme of this research is the Japanese immigration in Northern Parana, through analysis of the photographic collection of the Nakashima, Umebara and Ohara families, in the period 1930-1960. The year 1930 marks the beginning of Japanese colonization in northern Parana, encouraged by the sale of the land "Companhia das Terras do Norte do Parana" in 1932. Yet the year 1960 was chosen considering that cities were already well developed and that the families analyzed were forming their second generation descendants. The aim was, through photography, a retrospective of the life of these families in realizing their social and personal relationships, and in their habits of life, aspects related to their integration and formation of a new national identity. Comparing the collection of the three families analyzed, it is noticed that the universe of these immigrants were similar. It's a small sample, although important, due to the similarity in aspects in their daily lives, and especially how the cultural manifestations are still connected to the tradition and habits of their homeland. At the end of this research, it was verified the importance of photography as an efficient source of historical research, and is equally important as well as the texts and oral testimonies. For this analysis, the photographs were a rich source of research and recovery of memory left by immigrants, and also a source open to new quests about its use, and the Japanese colonization in Brazil, which were not studied here.

Key words: photography, Japanese immigration, memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - VISTA DO SÍTIO DA FAMÍLIA NAKASHIMA .....	33
FOTO 2 - PRIMEIRA RESIDÊNCIA DO CASAL NAKASHIMA COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA .....	33
FOTO 3 - FAMÍLIA NAKASHIMA – SÍTIO COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA .....	34
FOTO 4 - COLHEITA DE CAFÉ – COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA -.....	35
FOTO 5 - RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA NAKASHIMA – COLÔNIA FUJI .....	36
FOTO 6 - UMA NOVA FAMÍLIA SE FORMANDO.....	37
FOTO 7 - COLHEITA DE CAFÉ – COLÔNIA FUJI .....	38
FOTO 8 - FESTEJANDO A COLHEITA .....	38
FOTO 9 - VIAGEM AO JAPÃO .....	39
FOTO 10 - SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO .....	40
FOTO 11 - VISITA FAMÍLIA – SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO .....	41
FOTO 12 - DOAÇÃO À CIDADE NATAL – SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO .....	42
FOTO 13 - DOAÇÃO À CIDADE DE SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO .....	43
FOTO 14 - FAMÍLIA DE TERUO E KAZUKO – ROLÂNDIA/PR.....	43
FOTO 15 - FAMÍLIA NAKASHIMA E FAMÍLIA UMEBARA .....	44
FOTO 16 - MISSA DE FALECIMENTO.....	45
FOTO 17 - CASAMENTO DE AMIGOS – MARINGÁ/PR.....	46
FOTO 18 - MUTIRÃO DA COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA.....	47
FOTO 19 - GRUPO DE DANÇA- COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA.....	48
FOTO 20 - CERIMÔNIA RELIGIOSA BUDISTA .....	49
FOTO 21 - TIME DE BEISEBOL DA COLÔNIA FUJI .....	49
FOTO 22 - COLÔNIA KYOEI – ROLÂNDIA - PR.....	51
FOTO 23 - PRIMEIRA CASA DA FAMÍLIA UMEBARA.....	52
FOTO 24 - CASAL INOSSUKE E SADAE.....	52
FOTO 25 - ENTERRO INOSSUKE UMEBARA.....	53
FOTO 26 - CASAMENTO ANTONIO UMEBARA E YOSHIKO NAKASHIMA .....	54
FOTO 27 - CASAL ANTONIO E YOSHIKO UMEBARA E FILHOS.....	55
FOTO 28 - SITIO KYOEI – ROLÂNDIA/PR.....	55
FOTO 29 - ESCOLA JAPONESA – GLEBA KYOEI .....	56
FOTO 30 - CASAL ANTONIO E YOSHIKO COM SEUS FILHOS.....	57
FOTO 31 - CASAMENTO DE AMIGOS – GLEBA KYOEI .....	58
FOTO 32 - CERIMÔNIA BUDISTA – GLEBA KYOEI.....	58

FOTO 33 - APRESENTAÇÃO DE TEATRO JAPONÊS.....	59
FOTO 34 - VISITA DO IRMÃO JOÃO A ANTONIO – ROLÂNDIA. ....	60
FOTO 35 - HARUO OHARA E OS PRIMEIROS PÉS DE CAFÉ, GLEBA CAMBÉ – [1930] .....	64
FOTO 36 - CABECEIRA DA CHÁCARA ARARARA, 1949. LONDRINA/PR .....	64
FOTO 37 - CASAMENTO DE HARUO E KÔ, EM 17/07/1934 – LONDRINA/PR.....	65
FOTO 38 - FAMÍLIA REUNIDA, C.1940 – CHÁCARA ARARA, LONDRINA/PR.....	66
FOTO 39 - ENTRE PÉS DE CAFÉ DESTRUÍDOS PELA GEADA, 1940/ LONDRINA/PR.....	67
FOTO 40 - UM DOS ÚLTIMOS RETRATOS DA FAMÍLIA OHARA NO LOTE 1 (IKKU), 1949.....	68
FOTO 41- CRIANÇAS BRINCANDO NA CHÁCARA ARARA, 1950,LONDRINA/PR. .....	69
FOTO 42 - UMEJI OHARA, AVÓ E FILHOS DE HARUO, CHÁCARA ARARA, 1950, LONDRINA/PR.....	69
FOTO 43 - NUVEM DA MANHÃ, 1952 – TERRA BOA/PR.....	70
FOTO 44 - TEATRO AMADOR – SESSÃO IKKU, 1949/LONDRINA/PR.....	71
FOTO 45 - SOBRADO RECÉM-CONSTRUÍDO, RUA SÃO JERÔNIMO, 1950 – LONDRINA/PR.....	72
FOTO 46 - HARUO E KÔ, ÀS VÉSPERAS DAS BODAS DE PRATA, 1959. LONDRINA/PR.....	73
FOTO 47 - INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO DE LONDRINA, 8 DE ABRIL DE 1956. ....	73

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 FOTOGRAFIA</b> .....	11
1.1 FOTOGRAFIAS COMO FONTE DE PESQUISA .....	11
1.2 FOTOGRAFIAS: TESTEMUNHO DA HISTÓRIA.....	12
1.3 FOTOGRAFIAS: TESTEMUNHOS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA .....	14
1.4 IMAGENS: SABER INTERPRETÁ-LAS .....	15
1.5 FOTOGRAFIAS: DESVENDANDO OS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO DO IMIGRANTE JAPONÊS .....	16
1.6 FOTOGRAFIAS E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DO PARANÁ.....	19
1.7 METODOLOGIA DE TRABALHO .....	22
1.8 BIBLIOGRAFIA COMENTADA .....	24
1.9 FOTOGRAFIA: RECUPERANDO IMAGENS, DESVENDANDO HISTÓRIAS. .....	25
<b>2 HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS . ADAPTAÇÃO, ACULTURAÇÃO, IDENTIDADE</b> ...28	
2.1 HISTÓRIAS ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.....	32
2.1.1 Família Nakashima .....	32
2.1.1.1 Apresentação fotografias.....	32
2.1.2 Família Umebara .....	50
2.1.2.1 Apresentação fotografias.....	50
<b>3 ARTE E VIDA CAMINHANDO JUNTOS. HARUO OHARA</b> .....	61
3.1 APRESENTAÇÃO FOTOGRAFIAS .....	63
<b>O SENTIDO DO RETRATAR. NOSSA CONCLUSÃO</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	77

## INTRODUÇÃO

### FOTOGRAFIAS: PERPETUAR, RECUPERAR, LEMBRAR.

“A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo”.<sup>1</sup>

A fotografia, ao perpetuar o momento, confunde-se com a memória<sup>2</sup>, registra a história, retém através da imagem os acontecimentos do passado. As pessoas ao guardarem suas fotografias, fazem-no para se lembrar a qualquer momento e tentar não se esquecer deste passado. Não se esquecer de trechos de sua trajetória ao longo da vida, e que gostariam de eternizar e congelar através do tempo.

As fotografias provocam um encontro com o passado e a possibilidade de projetar-se, de aproximar-se do que já se foi. As imagens para Kossoy “carregam um forte conteúdo emocional e simbólico, são emoções que não podem ser gravadas materialmente, sentimos, imaginamos, sonhamos, portanto as vemos materializadas na fotografia”.<sup>3</sup>

A imagem fotográfica informa sobre o mundo e sobre a vida ali congelada. Para Burke “as fotografias nunca são evidência da história: elas próprias são a história”<sup>4</sup>. São documentos históricos importantes, e utilizados como fontes históricas e fontes de investigação é o ponto de partida para se desvendar o passado.

Com esta proposta de análise e recuperação da memória de fotografias históricas de imigrantes japoneses, iniciamos esta pesquisa. Através das fotografias de nossos antepassados, fotos com mais de 80 anos, foi sendo desvendada uma verdadeira e maravilhosa história de ocupação das terras do Norte Pioneiro no estado do Paraná.

---

<sup>1</sup> KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 1989. p. 102.

<sup>2</sup> KOSSOY, Ibid., p. 101.

<sup>3</sup> KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. 2002. p.137.

<sup>4</sup> BURKE, Peter. Testemunha Ocular. 2004. p. 28.

Este foi o poder da fotografia nesta pesquisa, a revelação da história dos nossos antepassados, sua trajetória como imigrantes vindos do Japão com muitos sonhos, perspectivas de um futuro melhor, desejos de conquistas, mas também com muitas dúvidas, inseguranças e apreensões do que encontrariam no Brasil

## 1 FOTOGRAFIA

Este capítulo traz um estudo mais detalhado da fotografia como fonte de pesquisa e documento histórico, para a recuperação da memória deixada pelos imigrantes japoneses no Norte do Paraná.

### 1.1 FOTOGRAFIAS COMO FONTE DE PESQUISA

O foco deste trabalho será sobre o uso da fotografia histórica como evidência da cultura material do passado. Burke enfatiza que os retratos “registram não tanto uma realidade social, mas as ilusões sociais, (...) fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação”.<sup>5</sup>

A fotografia neste trabalho não será utilizada como ilustração de texto, pelo contrário, será o objeto de análise que norteará todo o texto. Através da fotografia será realizada a pesquisa histórica e serão inseridos os personagens no contexto histórico do período analisado. O retrato será utilizado como recurso de pesquisa estabelecendo em sua descrição, uma narrativa dos aspectos visualizáveis. O conhecimento que se espera é captar o testemunho do fotografado ou mesmo do fotógrafo.

O tema da pesquisa será a imigração japonesa através da análise de fotografias de imigrantes japoneses instalados no Norte do Paraná, no período de 1930 a 1960. Este período marca o início da colonização japonesa no norte pioneiro, incentivados pela venda de terras da Companhia de Terras do Norte do Paraná em 1932.

---

<sup>5</sup> BURKE, op. cit., p.35.

A fotografia mostrou-se um eficiente meio de pesquisa dos processos emigratórios. Por meio de um acervo de fotografias de três famílias de imigrantes, nosso objetivo será realizar uma retrospectiva da vida destas famílias, tentando perceber em suas relações sociais e pessoais e seus hábitos de vida, aspectos referentes à sua integração e formação de uma nova identidade nacional.

A fotografia será utilizada como testemunho e auxiliar na pesquisa histórica da imigração japonesa no Norte do Paraná, e será o objeto/tema de pesquisa, como também objeto de memória na ação de lembrar e mostrar os laços de pertencimento dos indivíduos a determinado grupo. Os retratos de família compõe um rico acervo de memória, de conhecimento da vida cotidiana e das relações sociais de indivíduos de um determinado grupo social.

Kossoy enfatiza que o registro através de imagens vem permeando cada vez mais a cultura ocidental contemporânea, e se transformando talvez no principal texto orientador da construção das memórias individuais e coletivas dos grupos sociais.

A fotografia como objeto/tema de pesquisa histórica, deve-se ao seu uso como uma fonte de pesquisa séria e segura. Sua importância é significativa, pois as imagens, assim como os textos e testemunhos orais, constituem-se fontes históricas igualmente importantes.

A fotografia permite não apenas visualizar uma imagem ou um acontecimento, mas possibilita lembrar algo. Lembrar conforme Eclea Bosi é “refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”<sup>6</sup>. Portanto, a fotografia possibilita principalmente um deslocamento para o contexto passado onde aconteceu um determinado fato. É com este intuito que utilizaremos as fotografias na pesquisa histórica que nos propusemos a realizar: “A fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas; é sob esta perspectiva mais abrangente que deve ser estudada”.<sup>7</sup>

## 1.2 FOTOGRAFIAS: TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

---

<sup>6</sup> BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos. 1987. p. 17.

<sup>7</sup> KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 1989. p. 89.

Esta pesquisa teve início como tarefa da disciplina de Laboratório de História Moderna e Contemporânea. O objetivo era a análise da fotografia como fonte de pesquisa, dentre outras fontes de natureza audiovisual e iconográfica apresentadas pela disciplina. A princípio a motivação foi pessoal, pois a análise iniciou-se com as fotografias de nossos avôs paternos.

À medida que as fotografias revelavam práticas cotidianas, relações sociais e religiosas, enfim sociabilidades entre os indivíduos ali retratados, nosso interesse ampliou-se a uma pesquisa mais detalhada sobre o seu uso. Portanto, as fotografias serão utilizadas neste estudo, como testemunhos da história da colonização japonesa no Norte do Paraná.

As fotografias possibilitarão estudar o seu cotidiano no trabalho, no lazer, seus vínculos familiares e sociais, manifestações religiosas e folclóricas, enfim vínculos de solidariedade e sociabilidades, proporcionados por este novo modo de vida em terras brasileiras.

A análise a ser realizada, tentará associar a imagem à memória deixada pelos nossos antepassados, e através desta recuperação de dados, conseguir elaborar um diálogo com estes colonizadores do Norte Pioneiro. Servirá principalmente para uma análise minuciosa sobre a trajetória de vida destes imigrantes.

Para que esta análise fosse mais abrangente sobre o tema imigração japonesa, foram adicionadas mais duas trajetórias familiares, que ajudarão na análise de suas relações e práticas sociais. A bibliografia utilizada indica o uso da fotografia como mais um instrumento histórico disponível de pesquisa, que possibilita importantes descobertas e informações do passado.

Para Moreira Leite, a leitura da fotografia mobiliza diferentes níveis da atenção do leitor, admite o desdobramento da compreensão das leituras no exame de diferentes fotografias e sob os diversos aspectos apontados por contextos variados. Não são registros completos, pois não revelam situações emocionais intensas, mas destacam principalmente a harmonia. Mesmo assim conservam e ritualizam a reunião do grupo, das fotos tutelares, em espaços de poder ou mesmo de refúgio.

E finalmente, a autora enfatiza que as fotografias,

“ainda que ocultem muitas referências e informações, por serem imagens fixas de um instante apenas, [...] admitem a recuperação do tempo pelas sequências, que fornecem um passado e um futuro àquele presente, ou faixas superpostas de imagens que vão se alterando.”<sup>8</sup>

### 1.3 FOTOGRAFIAS: TESTEMUNHOS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA

Nosso objetivo, portanto, será conseguir através da fotografia, uma retrospectiva de vida das famílias de imigrantes japoneses; suas relações sociais e pessoais, seus gostos, para que se tenha um entendimento mais apurado do seu modo de vida inicial e possíveis modificações e adaptações em terras brasileiras.

Através de imagens cronologicamente escolhidas, podemos perceber a evolução financeira da família, suas conquistas e aquisições, enfim indícios que revelam os “ritos de passagem”<sup>9</sup> que marcam a mudança de sua situação ou troca de categoria social.

O objetivo ao se analisar o uso da fotografia histórica, não envolverá a técnica ou o valor artístico destas, mas sim a forma de captar instantes fugidios do cotidiano, a integração do indivíduo ao ambiente, a possibilidade de perceber aquela realidade, captar as experiências passadas, fornecer provas ou evidências, enfim a possibilidade de interpretar o mundo que se quis congelar na fotografia.

Muito importante também será perceber através das fotografias, as relações sociais dos imigrantes, aspectos referentes à sua integração e formação de uma nova identidade nacional, que como sabemos não foi um processo fácil, devido às políticas sociais deste período no Brasil. Também perceber como se deu a aculturação, que no início foi rara, enquanto a integração foi se dando de forma lenta, rejeitada a princípio, fechados em seus espaços privados.

---

<sup>8</sup> LEITE, Miriam Moreira Leite. Retratos de Família. Leitura da Fotografia Histórica. SP: EDUSP, 2001. p. 186

<sup>9</sup> LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família. Leitura da fotografia Histórica. 2001. p. 159.

Serão estas sociabilidades entre os grupos, entre a própria família, que tentaremos captar através das fotografias. A análise destas fotografias são memórias pessoais, sociais e coletivas e através delas verificamos que determinadas cenas estão inseridas e é influenciada pelo meio social. Mostram os laços de pertencimento dos indivíduos a determinado grupo. Portanto será uma janela aberta às pesquisas que nos fornecerão informações, revelações, e possivelmente novas questões e indagações surgirão.

Para que tenhamos uma imagem mais abrangente sobre a vida destes imigrantes no início da colonização no Paraná, como também detectar semelhanças ou não em suas rotinas de vida e relações sociais, a análise será através de três trajetórias familiares, base para o desenvolvimento do texto.

#### 1.4 IMAGENS: SABER INTERPRETÁ-LAS

A leitura destas imagens pode ser interminável e transpô-las em palavras dificilmente será completo. “Por mais atento que seja o leitor, e por mais que domine o código verbal, a imagem não se deixa reduzir a ele.”<sup>10</sup> Para a autora as fotografias podem revelar sentimentos, mas mal permitem a transmissão da construção social de significados culturais, a imagem é muda, embora forneça indícios através dos quais podemos deduzi-los, só saberemos com certeza desses dados através de uma identificação verbal ou escritos.

Kossoy<sup>11</sup> destaca que a fotografia permite uma leitura plural por parte dos historiadores, um leque de diferentes interpretações que o receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, sua ideologia, de seus interesses pessoal e emocional, de convicções religiosas, de sua postura como intelectual diante da vida e da ciência.

---

<sup>10</sup> Ibid. p. 188

<sup>11</sup> KOSSOY, Boris. Fotografia e História. SP: Ática, 1989. p. 78

Portanto, destaca Kossoy, por maior que seja o esforço de isenção do historiador em busca da verdade histórica, haverá todos estes componentes, subjacentes na sua interpretação. “As reconstruções históricas sempre foram e serão objeto de diferentes versões. A história, assim como a verdade, tem múltiplas facetas e infinitas imagens.”<sup>12</sup>

E Moreira Leite<sup>13</sup> nos alerta também que, o leitor ao analisar as fotografias históricas está cercado de perigos, pois só poderá ler adequadamente a mensagem de campos que já conhece anteriormente, se não conseguirem partilhar dos mesmos códigos, cometerá muitos equívocos, e também a leitura repetida de imagens de um mesmo tipo e conteúdo, pode deixá-lo insensível à mensagem completa que elas carregam.

Com todos estes alertas sobre as dificuldades de se trabalhar com as fotografias, ela ainda se revela uma rica fonte de pesquisa. O uso coerente, indagador e reflexivo por parte dos historiadores ao utilizá-las, fará com que os personagens congelados nas imagens sejam tão reveladores quanto os documentos escritos. Mas precisamos estar alertas às omissões intencionais, aos acréscimos e manipulações de todas as ordens.<sup>14</sup>

Kossoy<sup>15</sup> enfatiza que o alcance de sua interpretação também dependerá da bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional de quem lhe formulará perguntas adequadas e inteligentes. Para o autor, “jamais se poderão decodificar tais informações – que permitem enfoques multidisciplinares - se não houver um mergulho naquele momento histórico”.<sup>16</sup> Ela não sobreviverá sem os dados que a identifiquem e sem a devida interpretação que a situe e valorize.

## 1.5 FOTOGRAFIAS: DESVENDANDO OS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO DO IMIGRANTE JAPONÊS

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 96

<sup>13</sup> MOREIRA LEITE. Op. cit. p. 50

<sup>14</sup> KOSSOY. op. cit. p. 99

<sup>15</sup> Ibid., p. 96

<sup>16</sup> Ibid., p. 100

Wawzyniak <sup>17</sup> destaca que os deslocamentos populacionais do século XIX até a terceira década do século XX constituíram-se um fenômeno de ordem internacional. Um grande número de pessoas deixou suas terras de origem. Este fenômeno foi provocado pelas grandes transformações socioeconômicas que passava alguns países da Europa, como também o Japão, mesmo sendo de forma mais tardia.

O Japão passava por grande instabilidade social e política decorrente das reformas Meiji, que apesar de um período de grandes transformações sociais e prosperidade do país, não conseguiu resolver e conduzir as questões agrárias com êxito. Com o período de “grande fome”, de 1870-1871, iniciaram-se as rebeliões no campo. Empobrecimento e falta de trabalho, provocaram o deslocamento para os subúrbios das cidades a procura de trabalho.

Neste contexto de aumento de população, êxodo às cidades a procura de trabalho, rebeliões agrárias, participação na I Guerra Mundial, a alternativa de sobrevivência para um expressivo contingente populacional foi à emigração. Observa-se que no período de 1921 a 1940, emigraram para o Brasil mais de 160.764 japoneses. Quando do início da emigração em 1908 até 1920 emigraram apenas 28.706 japoneses, e de 1941 a 1960 foram 43.572 pessoas. <sup>18</sup>

O Japão ao optar pela modernização tentou aliar desenvolvimento econômico à evolução sociocultural, para isso precisou utilizar-se da estratégia de emigração como ocorrera também em alguns países europeus. Migrar, portanto foi uma alternativa de sobrevivência do país e da população na tentativa de obter terras para seu sustento. No Japão deste período, 15% das famílias de “Daimyos e seus clãs”, representavam 80% do capital do Japão, com as transformações trazidas pela Restauração Imperial Meiji, portanto migrar foi à solução para esta imensa diferença social.

Foi este estímulo que trouxe as famílias de imigrantes que serão analisadas neste trabalho, e que se estabeleceram definitivamente como proprietários de terras em Rolândia e Londrina. Darão início ao cultivo de café e pequenas culturas de subsistência. Inicia-se então, o projeto de que havia dado origem a sua saída do

---

<sup>17</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva. História de Estrangeiro. Passos e Traços de Imigrantes Japoneses (1908-1970). Tese de Doutorado. UFPR, 2004. pp. 14-48.

<sup>18</sup> Ibid. p. 50

Japão, assumindo uma nova condição de pequenos proprietários e agora independentes.

Neste período o Brasil encarava os imigrantes japoneses como o “perigo amarelo”<sup>19</sup>, devido ao crescimento econômico e expansionismo militar do Japão, e também a política de branqueamento do povo brasileiro. Na era Vargas verifica-se esta “preocupação com a interação e o contato interétnico na formação do povo brasileiro, tomando como base os fatores sociopolíticos e raciais.”<sup>20</sup> Isto acabou influenciando na imagem negativa do imigrante japonês.

Segundo Rosangela Kimu<sup>21</sup>, desde o início da imigração em 1908, a imigração japonesa foi cercada de ambiguidades. Para os setores ligados à agricultura paulista, os nipônicos eram considerados os braços que poderiam incrementar as lavouras depois do decréscimo das levas imigratórias europeias. Para outros segmentos da sociedade interessados na melhoria da raça brasileira, não passavam de uma raça feia e inferior, e em nada poderiam contribuir para a formação nacional.

Já Wawzyniak destaca que foi por causa da II Guerra mundial que cresceu o sentimento antinipônico, e que o conceito de “perigo amarelo ressurgiu mesclado a novos argumentos que identificavam os nipônicos indiscriminadamente como súditos do Eixo.”<sup>22</sup>

Foi neste contexto histórico que os imigrantes japoneses colonizaram o Norte do Paraná, a discriminação dava elementos para a criação de um elo mais forte entre os japoneses, aproximando-os e viabilizando a permanência em solo brasileiro. Para Wawzyniak, “a resistência por parte dos japoneses fortaleceu em muitos momentos, os laços de solidariedade e ao mesmo tempo viabilizou a manutenção e preservação de hábitos e costumes, referentes à cultura de origem e desta forma a construção da etnicidade.”<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> WAWZYNIAK. op. cit. p.57

<sup>20</sup> WAWZYNIAK. Ibid., p.61.

<sup>16</sup> Kimu, Rosangela. Perigo amarelo. Revista de História da Biblioteca Nacional. 01/05/2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/perigo-amarelo>.

<sup>22</sup> Ibid., p.1,2.

<sup>23</sup> WAWZYNIAK. op. cit. p.72.

## 1.6 FOTOGRAFIAS E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DO PARANÁ

O Norte do Paraná a partir da década de 1930 <sup>24</sup> foi objeto de experimento maciço de colonização privada, através da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Baseada na pequena e média propriedade agrícola deu lugar a um crescimento demográfico extraordinário nesta região. Este investimento privado foi marcado pelo símbolo e pela racionalidade tecnológica da ferrovia.

Segundo Handa <sup>25</sup>, o Norte do Paraná começou a despertar atenção a partir de 1932. O estado de São Paulo foi proibido por lei em novembro de 1932, de plantar novas mudas de café durante os três anos seguintes para restringir a sua produção. Com isso o interesse volta-se para o Norte do Paraná que ficava fora dos limites de abrangência dessa lei.

Até 1929, a colonização nesta região havia chegado até a estação de Cambará, cuja linha ferroviária havia sido financiada com capitais próprios da família Barbosa Ferraz, que ficava há 30 km da estação de Ourinhos da linha ferroviária Sorocabana. A partir de 1929 esta ferrovia passa para as mãos da “Kita Paraná Toshigaisha” - Companhia de Terras Norte do Paraná – que começou a vender mais de 500.000 alqueires de terras, iniciando assim o grande desenvolvimento da região. Esta companhia pertencia a um sindicato inglês, e suas terras iam do oeste de Londrina até Maringá, onde os trabalhos de implantação da estrada de ferro prosseguiram mata virgem adentro, transformando em área cultivada toda a região a oeste.

Segundo Cecília Westphalen,

“Toda área colonizada pela Companhia de Terras do Paraná foi dotada de boas estradas, colocando as propriedades rurais em comunicação fácil com os centros urbanizados e facilitando o escoamento da produção. Milhares de colonos com suas famílias vieram desta maneira radicar-se no Norte do

---

<sup>24</sup> WAWZYNIAK. *Ibid.*, p.83.

<sup>25</sup> HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil*. SP: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987. p. 459.

Paraná, tornando-se logo proprietários de suas terras onde via de regra plantavam café e tinham pequena lavoura de subsistência”.<sup>26</sup>

Em 1923 o Norte do Paraná era uma região de difícil acesso, recoberta pelas matas peculiares às áreas de terra roxa. Em 1925 organiza-se a Companhia de Terras do Norte do Paraná, empresa subsidiada pela Sudan Plantations, formada por um grupo de investidores ingleses que aplicavam seus capitais em investimentos agrícolas, principalmente o algodão.

A companhia foi organizada juridicamente por brasileiros e supervisão do inglês Arthur Thomas ou Lord Lovat. A partir de fins de 1925 a matriz londrina da Companhia de Terras do Norte do Paraná passou a se chamar Paraná Plantations Company, sob a direção de brasileiros. Inicialmente incentivou a cultura de algodão e depois de seu declínio, passa a dedicar-se intensivamente a colonização das terras adquiridas diretamente do governo do Estado do Paraná.

Entre 1925 e 1927, a companhia adquire 515.000 alqueires de terras fertilíssimas cobertas de mata <sup>27</sup>. Em 1928 adquirida à ferrovia pela companhia, inicia-se a partida para o reconhecimento e repartição de todo o montante adquirido. As terras localizavam-se na margem esquerda do Rio Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí, hoje oeste de Londrina até Maringá.

Foi assim que do desconhecido sertão dos rios Tibagi e Ivaí, iniciou-se a colonização do Norte Pioneiro, transformando-se em um núcleo econômico da maior importância para o país. A primeira caravana de compradores de terras chegou em 1929 e era composta por oito japoneses que vieram acompanhados pelo notável pioneiro e agenciador de terras da companhia, Sr. Hikoma Udihara <sup>28</sup>.

Londrina foi o primeiro núcleo implantado na área de colonização aberta pelos ingleses no Norte do Paraná em 1929, e recebe este nome em homenagem à capital da Inglaterra <sup>29</sup>. Em 1930 surge a primeira casa em madeira de Londrina, a partir de 1932 chegaram grandes grupos de compradores de terras, alemães, italianos,

---

<sup>26</sup> WESTPHALEN, Cecília. Apud Wawzyniak. Boletim do Departamento de História da UFPR, Curitiba, nº 7, 1968, p. 52,84.

<sup>27</sup> Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná. SP: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 1977. p. 59.

<sup>28</sup> Ibid., p. 71.

<sup>29</sup> Ibid., p. 40.

japoneses e brasileiros. E em 1933 já havia 396 casas <sup>30</sup>, uma estação ferroviária, uma linha telefônica, “trazendo a civilização mais perto dos bravos pioneiros de Londrina” <sup>31</sup>.

Londrina tem sua data de fundação oficial em 3 de dezembro de 1934, quando foi criado o Município de Londrina, porém nasceu em 1929 quando foi fincado o primeiro marco nas terras, na chegada da Companhia de Terras do Norte do Paraná.

Impulsionado pelo desenvolvimento do Norte do Pioneiro, surgem diversos núcleos econômicos, entre eles Rolândia, fundada em 1932 por imigrantes alemães. No período da 2ª Guerra Mundial, teve o nome alterado para Caviúna e logo no pós-guerra, retorna ao nome original, cuja denominação foi derivada de Roland, o famoso herói do ciclo lendário de Carlos Magno <sup>32</sup>. Rolândia, como Cambé, foi um ex-distrito judiciário de Londrina, obteve a emancipação em 1943 e instalação do novo Município em 1º de janeiro de 1944.

Os primeiros imigrantes japoneses se fixaram em 1932, nas chácaras e sítios das colônias Cafezal (1932), Fuji (1934), Assahi (1934) e Kiyoei (1935), também a Seção Elefante (1935), Colônia Bandeirantes (1935), Chácara Rolândia (1934) e Seção Boa Sorte (1939).

“A Companhia de Terras do Norte do Paraná adotou diretrizes bem definidas” <sup>33</sup>. Todo o mapeamento dos 515.000 alqueires foi orientado, pensando na demarcação dos núcleos econômicos mais importantes, no zoneamento urbano, e a área rural fora dividida em pequenos lotes de 10, 15 e 20 alqueires de frente às estradas de acesso.

Em 1943 encerra-se a fase inglesa da colonização. Em 1939 quando deflagrada a 2ª Guerra Mundial, o governo britânico impõe o retorno de capitais ingleses aplicados no exterior, e assim a companhia passa às mãos de investidores brasileiros com o nome de Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná.

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 73.

<sup>31</sup> Ibid., p. 71.

<sup>32</sup> IGARASHI, Toshio. História da Imigração Japonesa no Paraná. P. 184.

<sup>33</sup> Companhia de Terras do Norte do Paraná, op. cit., p. 77.

## 1.7 METODOLOGIA DE TRABALHO

Inicialmente o interesse da pesquisa foi apenas a curiosidade em utilizar a fotografia como fonte de pesquisa, dentre outras fontes de natureza audiovisual ou iconográfica. À medida que realizávamos a coleta e escolha destas, percebeu-se que elas permitiam entrever práticas cotidianas, relações sociais e religiosas, e com isso visualizamos detalhes, relances de seu dia-a-dia, sua rotina de trabalho, podendo assim formar uma sequência cronológica de fatos relacionados à vida destes indivíduos que se inter-relacionavam dentro das colônias formadas no Norte Pioneiro.

“As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou”.<sup>34</sup>

Com isso em mente, procurou-se primeiramente realizar uma pesquisa bibliográfica que envolvesse todos os aspectos pesquisados, incluindo contexto histórico do período analisado, considerações sobre os usos e funções da fotografia, e os processos de construção da identidade, aculturação, integração e adaptação do imigrante japonês em solo paranaense. Além da escolha das fotografias nos acervos das famílias, é imprescindível a coleta de informações através de depoimentos de familiares e se possível em documentos originais dos personagens pesquisados.

Inúmeras fotografias estavam a nosso dispor, e a dúvida foi, como trabalhar com estas fotografias pessoais em um trabalho acadêmico. À medida que analisávamos as fotografias, percebemos representações que se repetiam nas três famílias analisadas, então dividimos as escolhas em temas comuns: fotos de família, convívio social e suas comemorações, manifestação da religiosidade, trabalho e lazer.

---

<sup>34</sup> KOSSOY, Boris. Fotografia e História. p. 20.

Procurou-se analisá-las dentro do contexto histórico que englobasse o período de chegada das famílias ao Brasil. À medida que a pesquisa foi se firmando, tivemos a grata surpresa de além de conhecer a história de nossos antepassados, também conhecer a própria história dos primeiros imigrantes japoneses no estado do Paraná e sua contribuição para o desenvolvimento do Norte Pioneiro.

Após a escolha das fotografias a serem trabalhadas, dificuldades foram surgindo em relação à datação das fotografias, não havia referências escritas e através de relatos orais dos parentes, tentamos datá-las através das idades dos personagens familiares, e quando isso não foi possível, analisávamos o tamanho das árvores que faziam parte de várias fotos do mesmo local, ou mesmo de reformas realizadas na residência da família e de aquisições materiais ao longo do tempo, como também seguindo uma ordem cronológica descendente em relação aos nascimentos dos familiares.

A pesquisa envolverá a memória fotográfica deixada pela primeira geração das famílias Nakashima (Rolândia), Umebara (Rolândia) e Ohara (Londrina), contada através de fotografias e com isso tentar seguir suas trajetórias em solo paranaense. Serão duas trajetórias familiares de imigrantes: a família Nakashima, nossos avós paternos que chegaram ao Brasil em 1929 e se instalaram em Rolândia (Colônia Fuji) em 1935 e a família Umebara, parentes, instalados em 1935 na Gleba Bandeirantes também em Rolândia.

Ainda incluímos neste trabalho a trajetória individual de Haruo Ohara<sup>35</sup>, um imigrante lavrador que veio para o Brasil em 1927 e em 1933 instalou-se em Londrina. Era fotógrafo nas horas vagas, um amador que adorava fotografar, destacou-se tanto em sua arte que suas fotografias foram reconhecidas pelo público, sendo utilizadas em livros e em um curta-metragem, “Haruo Ohara”, que ganhou o prêmio de Gramado em 2010.

Sua referência neste trabalho deve-se a forma como compunha suas imagens, uma verdadeira obra de arte, através dos negativos de seus filmes. Ohara memorizou em imagens, o crescimento urbano da cidade, a vida dos imigrantes, o dia a dia de sua família. A fotografia produzida por Ohara difere das demais, revela o seu lado artístico, pois integrava a natureza às suas paisagens, tentava imortalizar o

---

<sup>35</sup> BURGI, Sergio (Org.). Haruo Ohara: Fotografias. IMS, 2008

instante. Deixou mais de 8.000 negativos em preto-e-branco, centenas de fotografias de época e cerca de 10.000 em cores, fotografados por quase 60 anos de sua vida.

Também realizamos visitas ao Museu Histórico da Imigração Japonesa do Paraná em Rolândia, e ao Museu Histórico de Londrina. Estes espaços culturais tem a missão de resgatar, preservar e divulgar o patrimônio cultural que envolve a colonização do Norte do Paraná. Nosso interesse era o acervo fotográfico histórico da colonização, porém tivemos apenas acesso aos livros históricos, mantidos pela biblioteca do Museu Histórico de Londrina.

Nossa visita foi bastante proveitosa, visto que o Museu de Londrina ocupa o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina. O prédio, por suas linhas arquitetônicas constitui um marco histórico da origem inglesa, da colonização da cidade e do Norte do Paraná.

O filme, curta metragem “Haruo Ohara”<sup>36</sup>, ganhou diversos prêmios, entre eles, Melhor Curta Nacional no Cine Futuro–VII Seminário Internacional de Cinema e Audiovisual e vencedor de melhor curta metragem no Festival de Gramado 2010. O filme nos contempla com cenas de suas fotografias mais famosas, como também cenas suas, gravadas quando ainda em vida. A curta metragem de 16 minutos foi publicada pela Kino Arte de Londrina, com direção de Rodrigo Grotta.

## 1.8 BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Portanto para a realização deste trabalho, o primeiro momento da pesquisa será a revisão bibliográfica pertinente. Nesse caso utilizamos três fontes de leitura: a primeira através de considerações sobre a fotografia como objeto de investigação, como fonte histórica, como memória e recuperação de informações. A segunda sobre a integração e identidade cultural entre os imigrantes japoneses. E a

---

<sup>36</sup> Curta Metragem Haruo Ohara, 2010. Disponível: [WWW.curtasmetragens.com.br/index.php/haruo-ohara-uma-realizacao-da-kinoarte/](http://WWW.curtasmetragens.com.br/index.php/haruo-ohara-uma-realizacao-da-kinoarte/)

terceira será a pesquisa histórica sobre a imigração japonesa no Norte do Paraná, como também do contexto histórico nacional.

Para a primeira fonte de leitura estão incluídos os autores Ecléa Bosi, que dá destaque à memória de sociedades passadas; Boris Kossoy que trabalha com questões centradas na história da fotografia e a história através da fotografia, seus usos e funções, além de - Francisca Michelin, que destaca as potencialidades e limitações da leitura fotográfica, Miriam Moreira Leite, que analisa o uso da fotografia como documento histórico, Susan Sontag que destaca os problemas estéticos e morais do uso da fotografia e Peter Burke que enfatiza o uso da imagem como evidência histórica, entre outros.

Para a segunda leitura escolhemos Stuart Hall, que trabalha com a questão da identidade cultural; Jeffrey Lesser que enfatiza a negociação da identidade nacional das etnias no Brasil; Hiroshi Saito, que analisa o processo de assimilação e integração dos japoneses no Brasil e Rosangela Kimu destaca o período de restrições raciais e políticas que o país passava.

E, finalmente, para a terceira fonte de leitura, sobre a história da imigração no Norte do Paraná, utilizamos livros de autoria do próprio imigrante ou de seus descendentes, para obtermos depoimentos dos próprios partícipes da história, visto que a análise será através de fotografias de acervo pessoal, e tentar perceber aspectos informais e pessoais nos relatos.

Os autores escolhidos foram Tomoo Handa, que conta a história do imigrante japonês, sua chegada, a adaptação, os aspectos históricos e religiosos, suas relações pessoais, enfim a vida do imigrante, assim como Homero Oguido; Toshio Igarashi; Hashimoto, Tanno e Okamoto; Kiyoshi Harada e Claudio Seto e Maria Helena Uyeda, que contam a saga dos pioneiros no Norte do Paraná. Além disso, utilizamos a Tese de Doutorado de Sidinalva Wawzyniak, Histórias de Estrangeiros – Passos e traços de imigrantes japoneses. Para conhecermos a vida e obra de Haruo Ohara, utilizamos o livro “Haruo Ohara-Fotografias”, editado pelo Instituto Moreira Salles em sua homenagem.

## 1.9 FOTOGRAFIA: RECUPERANDO IMAGENS, DESVENDANDO HISTÓRIAS.

Poucos historiadores trabalham com arquivos fotográficos, poucos periódicos trazem ilustrações e quando utilizam imagens, fazem-no como meras ilustrações reproduzindo-as sem comentários. Nosso interesse em utilizar a fotografia como objeto de pesquisa será tentar aprofundar o seu uso na pesquisa histórica sobre os imigrantes japoneses no Norte do Paraná.

A fotografia rememora as realizações dos indivíduos, as lembranças de uma família, de uma sociedade, de um grupo étnico neste caso. Ao “lapidar e cristalizar determinado instante, toda fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo.”

<sup>37</sup> Aqui vale ressaltar a afirmativa de Mazzuchi Ferreira que “somos o que recordamos, ou somos o que nossa memória registra de nós mesmos” <sup>38</sup>, portanto “esquecer é humano e lembrar é fotográfico”. <sup>39</sup>

A fotografia além de revelar uma pseudopresença, também é símbolo de ausência de pessoas, lugares e um passado que se foi. Para este trabalho, a fotografia é valorizada porque nos fornece informações, aponta o que existiu e nos fornece um inventário da história cultural dos imigrantes japoneses instalados no Norte do Paraná.

Mesmo considerando as fotografias como uma fonte de pesquisa histórica segura e séria, não se deve esquecer que possui limitações. É preciso saber interpretá-las, a leitura fotográfica será sobre uma fração do real, isto envolve a reconstrução do real para aquele que vê a fotografia e para aquele a quem a fotografia se destina, por isso ela também se torna um documento/monumento.

O que se procura são as “informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condições de proporcionar.” <sup>40</sup> Ao contextualizar as imagens, procuram-se “meios de compreender e comunicar as imagens latentes encontradas por trás e nas frestas das explícitas”. <sup>41</sup>

Após esta análise e a colocação de diversos estudiosos da fotografia, muitas reflexões e indagações ainda precisam ser trabalhadas. Até que ponto - podemos

---

<sup>37</sup> SONTAG, Susan. *Ensaio Sobre a Fotografia*. 1981. p. 15.

<sup>38</sup> FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. *Fotografia e Memória*. Ensaio. *Objetos e Lugares de Memória*. 2008. p. 19.

<sup>39</sup> MICHELON, Francisca Ferreira. *Fotografia e Memória*. Ensaio. *Introdução*. 2008. p. 13.

<sup>40</sup> SONTAG. *op. cit.*, p. 149.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 157.

considerar as fotografias como documentos históricos? Até que ponto a fotografia como uma representação aberta, indefinida sobre o imaginário se sobressai ao real?

Neste caso específico em que as fotografias têm um forte apelo emocional para o pesquisador, até que ponto seu conhecimento e envolvimento emocional interferem ou até complementam e enriquecem a pesquisa histórica? Mesmo com todos os cuidados do pesquisador, é essencial uma crítica rígida da fonte, saber como interrogá-las e apreender suas informações e significações silenciadas na imagem congelada.

Pretende-se através de pesquisa historiográfica de diversos autores e testemunhos orais quando isto for possível, que as informações das fotografias permitam resgatar a história, revivê-las através das imagens e possibilitem a reconstrução histórica das vidas das famílias escolhidas para a realização deste trabalho.

A partir do contexto histórico deste período, teremos condições de relacionar as fotografias dentro de uma sequência cronológica e através de suas conexões, pretendemos reconstruir a história de vida destes indivíduos.

As fotografias utilizadas na pesquisa foram coletadas dos acervos particulares das famílias Nakashima em Curitiba, e da família Umebara em Rolândia. As fotografias da família Ohara foram pesquisadas no livro “Haruo Ohara. Fotografias”, editado em sua homenagem pelo Instituto Moreira Salles, que recebeu como doação da família, milhares de negativos e fotografias de época.

Recentemente foi disponibilizado no site de Curtas metragens da Petrobrás, o filme “Haruo Ohara”, vencedor do Festival de Gramado 2010, e que servirá de fonte de pesquisa para este estudo. Também realizamos pesquisa, nos Museus da Imigração Japonesa localizados em Rolândia e Londrina.

A participação de parentes dos indivíduos retratados será importantíssima para o resgate da memória familiar, e a identificação de datas, locais e comemorações, possibilitarão o registro seguro da história destes imigrantes que participaram da colonização desta região.

## 2 HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS . ADAPTAÇÃO, ACULTURAÇÃO, IDENTIDADE.

Através das fotografias analisadas, verificamos o convívio social entre os participantes das colônias japonesas. Convívio este, restrito aos imigrantes e bastante fechado aos membros devido às discriminações que enfrentaram em sua chegada, e que acabou criando um elo mais forte entre os japoneses. Uma rede de ajuda mútua se construiu para que enfrentassem juntos o sofrimento e as dificuldades de adaptação em solo brasileiro.

A colônia é o símbolo mais representativo de organização comunitária, formada pelos imigrantes japoneses que aqui chegaram. Foi neste espaço de organização comunitária, que o imigrante manteve um elo de pertencimento e reciprocidade entre os seus pares. Também uma forma de manter a identidade e etnicidade preservadas entre os seus integrantes.<sup>42</sup>

A colônia japonesa deste período foi uma organização sedimentada no trabalho e ajuda mútua, na divisão e participação de tarefas, de cada integrante em prol de um bem comum. Foi neste espaço fechado no início da colonização, que construíram seu cotidiano fundamentado nos valores culturais herdados de seus antepassados, e transmitido aos seus descendentes através da educação, da disciplina, do trabalho, enfim na solidariedade entre o grupo.

Percebe-se em várias fotografias, a integração destes conterrâneos que privilegiam a união entre os seus, em casamentos, velórios, missas de falecimento, comemorações de festas típicas de sua terra natal, reuniões de cooperativas, entre outras. Percebemos através das fotografias, o sentimento do coletivo mais que do individual, característica típica do imigrante japonês e de seus descendentes, também da sociedade que transmitiu esta rigidez de caráter.

É no interior do grupo doméstico que serão transmitidos e preservados o valor cultural constitutivos do indivíduo japonês, entre eles a educação, a honra, o respeito à hierarquia, a disciplina e a devoção filial. Características estas presentes até os

---

<sup>42</sup> WAWZYNIAK, op. cit., 182.

dias de hoje entre os descendentes, sendo adaptadas gradativamente á nova cultura.

A estrutura familiar japonesa baseia-se em vínculos de solidariedade e sociabilidade que estes valores proporcionam, e era usual neste período, que essa preservação fosse dada pelo casamento. Alguns aspectos interessantes surgem à medida que folheamos os álbuns de famílias japonesas. Os casamentos deste período seguiam ainda as tradições do país de origem, eram arranjos matrimoniais (omia-kekkon), pautados pelas tradições culturais e sociais do país de origem.

O casamento dos pais da pesquisadora não foi diferente (Teruo e Kazuko). Eram comuns naquela época os casamentos arranjados, entre famílias amigas e de conhecidos da própria colônia. A mulher japonesa era preparada para o processo de adaptação ao novo lar desde criança, isto é, ao lar dos sogros. Era prática a nora morar com os pais do marido caso ele fosse o filho primogênito, e assim manifestar todo o respeito, honra e disciplina à nova família. Ao filho mais velho ficava a responsabilidade dos cuidados dos pais até a velhice.

Uma característica destacada por Handa <sup>43</sup> entre os japoneses foi o mutirão e o igualitarismo. Na fase pioneira da colonização onde os imigrantes começaram do nada, o auxílio recíproco entre eles se fazia necessário e bem vindo.

O trabalho coletivo se dava em todas as áreas: na ajuda no campo, nas queimadas, roçados e colheitas, na construção da casa, quando alguém adoecia, na realização de banquetes de casamentos, nas festividades da colônia, enfim, esta ajuda mútua mantinha os vínculos entre os componentes das colônias. Tal costume perdura ainda hoje entre os descendentes de japoneses, porém com o tempo, conforme Handa <sup>44</sup> destaca, esta iniciativa começou a desaparecer com o advento do capitalismo.

Foi este sentimento de cooperação, que deu início às organizações de cooperativas e associações culturais e educativas, entre as colônias da região. A união de esforços no trabalho em grupo, desde a produção, processamento e depois na comercialização do café, são as características vitais do progresso das

---

<sup>43</sup> HANDA, op. cit., p. 559.

<sup>44</sup> Ibid., p. 560.

cooperativas japonesas, cujo modelo foi copiado depois pelos empresários brasileiros.

Outra característica marcante entre os japoneses é o forte sentimento de venerar os antepassados, e os imigrantes o faziam e o fazem até hoje, reverenciando-os através do oratório budista. Wawzyniak <sup>45</sup> destaca que entre os imigrantes que desembarcaram entre 1908 e 1936, a maioria era budista e praticavam seus cultos domesticamente. A partir de 1940 quando iniciaram a construção de templos e igrejas fora de seus núcleos de colonização, sua prática tornou-se pública.

Handa destaca que a diversidade de religiões trazidas do Japão – budismo, xintoísmo e seus desdobramentos, podem ter contribuído para a não organização religiosa no início da colonização. A formação de agrupamentos de imigrantes de diferentes crenças pode ter sido também, outro motivo pela qual a religião não tenha se tornado uma força centralizadora dos imigrantes, do ponto de vista social. <sup>46</sup>

Também o autor <sup>47</sup> observa que, pode ter sido o fato de os primogênitos das famílias terem ficado em seu país de origem para cuidar dos pais, e somente o restante dos filhos ter se deslocado para o Brasil, que a religião não tenha se cultuado da mesma forma. Handa<sup>48</sup> enfatiza que no Japão o culto aos antepassados, incluindo a manutenção dos túmulos da família em bom estado e a realização de missas, era de responsabilidade do primogênito (chônami).

Mesmo com todas as dificuldades encontradas para o seu culto, os ensinamentos budistas estiveram presentes no cotidiano do imigrante japonês e perduram ainda, em muitas famílias de descendentes.

As manutenções das tradições culturais se fizeram representadas principalmente, na educação de seus descendentes. Estão presentes também, além da religião, na manutenção da língua, na alimentação, na língua, nos esportes, no folclore, enfim, o imigrante procurava preservar em solo brasileiro, sua cultura, seus hábitos e costumes. Uma forma de mantê-los unidos, e também porque acalentavam ainda o desejo de um dia retornar definitivamente ao seu país.

---

<sup>45</sup> WAWZYNIAK, op. cit., p. 162.

<sup>46</sup> HANDA, op. cit., p. 726.

<sup>47</sup> Ibid., p. 729.

<sup>48</sup> Ibid., p. 728.

O sistema familiar japonês, característica importantíssima entre os imigrantes, refletia o espírito do povo japonês, o respeito aos mais velhos consistia à base do pensamento de suas vidas. Desde cedo à fidelidade e a lealdade era ensinada nas escolas japonesas.<sup>49</sup> Também aqui, os imigrantes conservaram intactos estes preceitos que regiam suas vidas.

Por questões políticas e raciais que passava o país, a partir de 1930, o imigrante japonês passa a sofrer entre dois nacionalismos<sup>50</sup>, o de origem tolhida, e o presente agora imposto. O abrasileiramento político, cultural e econômico severo, enfrentado neste período, de políticas de controle migratório, eugenia racial e posições ideológicas, não impediram totalmente que o sentimento de “ser japonês” desaparecesse. Mas, fez com que essa “negociação da identidade nacional”<sup>51</sup>, ocorresse de forma particular. A necessidade de adaptação e integração à nova pátria, fez com que superassem a discriminação racial, o sofrimento na adaptação aos costumes e hábitos locais, e aos preconceitos de seu modo de ser e agir.

Este difícil processo de inserção que os imigrantes enfrentaram em sua chegada, seja pelo total desconhecimento da língua local, seja pela diferença de costumes e hábitos, pela diferença dos elementos que integram o contexto cultural local, fizeram com que seus integrantes se fechassem em suas colônias que aqui formaram. Era uma forma de manter a identidade e a etnicidade de origem, e também em tentar suavizar as dificuldades, os sofrimentos e as angústias que viviam numa terra estranha.<sup>52</sup>

Porém, à medida que a integração e inserção do imigrante foram acontecendo progressivamente, nos diversos setores da sociedade, seus valores culturais foram sendo adaptados e articulados para uma convivência construtiva, consolidando e ampliando a rede de relações entre brasileiros e descendentes de outras nacionalidades.

---

<sup>49</sup> HANDA, op.cit., p. 620.

<sup>50</sup> Ibid., p. 595.

<sup>51</sup> LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. 2001. p. 211, 252.

<sup>52</sup> HASHIMOTO, Francisco. TANNO, Janete. OKAMOTO, Monica. Cem Anos da Imigração Japonesa. História, memória e arte. 2008. p. 66.

## 2.1 HISTÓRIAS ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Três famílias serão analisadas e suas histórias serão apresentadas: famílias Nakashima, Umebara e Ohara. O objetivo será a análise da memória deixada por estas famílias contadas através das fotografias, e com isso seguir suas trajetórias de vida em solo paranaense.

### 2.1.1 Família Nakashima

O casal Moichi (1897/1968) e Maki Nakashima (1902/1987), avôs paternos da pesquisadora, juntamente com seus três filhos, saem de Satiho, vilarejo de Kumamoto no Japão em 1929 em direção a São Paulo. Trabalham como empregados em fazendas de café em Mogiana e Registro, em 1937 estabelecem-se em Rolândia no Norte do Paraná.

Com o estímulo à colonização do Norte Pioneiro, o casal Nakashima adquire 15 alqueires de terras em Rolândia, na Colônia Fuji em 1937. Dão início ao cultivo de café e culturas de subsistência e até a implantação de uma pequena granja.

Foi então que se deu início o projeto de que havia dado origem a sua saída do país natal, agora assumindo uma nova condição de pequeno proprietário e independentes. O casal teve mais cinco filhos, que do total de oito crianças, sobreviveram quatro filhos.

#### 2.1.1.1 Apresentação fotografias



FOTO 1 - VISTA DO SÍTIO DA FAMÍLIA NAKASHIMA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1950)



FOTO 2 - PRIMEIRA RESIDÊNCIA DO CASAL NAKASHIMA COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1940)

Foto 1 - O sítio (termo usado pelos colonos) localizava-se na Colônia Fuji em Rolândia, a imagem mostra a terra já cultivada, com os pés de café produzindo, a casa principal construída e reformada, enfim a infraestrutura da propriedade já está organizada em 1950. Porém, o início foi bastante difícil, assim como para todas as famílias ali instaladas. A mata teve que ser derrubada, a residência no início foi simples e de madeira, o trabalho braçal teve que ser realizado pela própria família e até a primeira colheita o dinheiro foi bastante escasso.

Foto 2 - O casal Moichi e Maki, posa em frente a sua residência, três anos se passaram desde sua chegada em 1937. Pelo relato obtido do filho mais velho do casal, a residência foi a primeira construção a ser executada e após alguns anos foi ampliada para acomodar os novos membros da família. Era um costume tradicional entre os japoneses que após o casamento do filho mais velho do casal, este ficasse morando na mesma residência, juntamente com sua esposa. Para o filho mais velho ficava a responsabilidade de cuidar de seus pais até a velhice.



FOTO 3 - FAMÍLIA NAKASHIMA – SÍTIO COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1940-1941)

Foto 3 - O casal posa em meio à plantação de algodão em plena floração. Foi preciso que outras culturas fossem sendo adaptadas para o seu sustento, pois o café demorava anos até sua primeira colheita. Percebe-se ao fundo da imagem que as moradias dos empregados ainda são bastante precárias, apenas três a quatro anos se passaram, mas já mostra o trabalho efetuado em suas terras.

Foto 4 - Percebe-se através da imagem o progresso chegando, mesmo sendo lenta, vê-se a conquista de bens materiais, como o caminhão, e também a possibilidade de se contratar mão de obra para ajudar nas tarefas de plantio do café, que no início era realizada pelos membros da própria família. Podemos ver a produção colhida e ensacada para o comércio. Trabalho realizado e recompensado, visíveis no sorriso de Moichi. O sorriso do imigrante foi um aspecto que não percebemos nas fotografias analisadas, e nesta particularmente, nos chamou a atenção, pois conhecíamos a personalidade séria e introspectiva do retratado.



FOTO 4 - COLHEITA DE CAFÉ – COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA -  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1950)

Foto 5 - Da esquerda para a direita: casal Moichi e Maki (sentada), o filho mais novo do casal Yoshitsugui, Kazuko (sentada) esposa de Teruo com seu filho mais velho ao colo, Yaeko (em pé) filha do casal, e Teruo o filho mais velho do casal. Agora Teruo, o filho mais velho (chônã), posa com sua esposa Kazuko e seu primeiro filho. Sua irmã mais velha (Yoshiko) já havia casado e seus dois irmãos mais novos eram crianças ainda. Ao fundo, a casa ainda simples com pequenas alterações. Uma nova família estava se constituindo, uma nova geração de descendentes se formando.



FOTO 5 - RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA NAKASHIMA – COLÔNIA FUJI  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1947)

Foto 6 - O casal Teruo e Kazuko posa com seus três filhos. Em pé seu irmão mais novo Yoshitsugui. Ao fundo, o terreiro de café e as instalações de galpões de café. Percebe-se que a terra já está toda cultivada, seja de café, algodão e cultivos

de subsistência. A vida passa sendo registradas em fotografias, os casamentos se sucedendo, as crianças nascendo, a terra produzindo e os parentes falecendo.

Foto 7 - Em destaque Teruo, o filho mais velho de Moichi e Maki (chônã, nome que se dá ao primogênito), juntamente com seus empregados em plena colheita do café. Percebe-se aqui que o número de empregados já é muito superior a dois anos atrás. O número cada vez maior de famílias de empregados exigia a construção de novas residências na propriedade, e isto foi sendo realizado progressivamente, à medida que o café ia rendendo lucros.



FOTO 6 - UMA NOVA FAMÍLIA SE FORMANDO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1951)



FOTO 7 - COLHEITA DE CAFÉ – COLÔNIA FUJI  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)



FOTO 8 - FESTEJANDO A COLHEITA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

Foto 8 - Teruo em destaque comemora com um churrasco, oferecido aos empregados e familiares, pela ótima safra que obtiveram neste ano. É um evento importante para ser comemorado, já que o cultivo dependia do trabalho de todos, porém dependia também das condições climáticas no ano, que favoreciam ou não uma boa safra.

Foto 9 - Em razão da excelente safra ocorrida em 1952, o casal Moichi e Maki, retornam à sua terra natal, Satiho em Kumamoto no Japão. Na foto, o casal a direita é retratado no aeroporto de São Paulo rumo à sua cidade de origem. Pelos relatos de seu filho ficaram meses em visita aos parentes que lá permaneceram.



FOTO 9 - VIAGEM AO JAPÃO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

Foto 10 - O casal Moichi e Maki em visita ao jazido da família. Este é um aspecto de grande importância para o japonês <sup>53</sup>. Demonstra o profundo respeito aos antepassados que será reverenciada pelos familiares a vida toda. Este é um sentimento arraigado no espírito do japonês, são características constitutivas do indivíduo, assim como a honra, o respeito à hierarquia, a disciplina e a devoção filial.



FOTO 10 - SATHO – KUMAMOTO/JAPÃO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

Foto 11 - Em destaque casal Nakashima. Moichi e Maki posam junto de seus familiares e amigos que ali permaneceram. Mesmo havendo esta distância entre as famílias e a dificuldade de comunicação, no início havia o contato entre os parentes que ficaram no Japão, e trocas de fotografias e notícias eram realizadas, mesmo que escassas.

---

<sup>53</sup> Termo usado por Jeffrey Lesser e diversos autores, o “ser japonês”, referindo-se a uma identidade particular do imigrante.

Não podemos esquecer que o sonho de ganhar dinheiro no Brasil e retornar ao seu país natal, era o sonho de quase a maioria dos imigrantes japoneses que aqui chegaram. Portanto o contato não poderia ser perdido. Mas com o tempo isso foi se tornando cada vez mais distante e difícil. A dificuldade em se tornar proprietário ou mesmo de ganhar dinheiro como empregado, os vínculos que foram se formando, os parentes mortos e suas sepulturas, foram deixando raízes irremovíveis em terras brasileiras. Percebe-se o distanciamento entre os parentes que ficaram pelas poucas fotos que restaram, e pela falta de notícias entre eles.



FOTO 11 - VISITA FAMÍLIA – SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

Foto 12 - O casal Moichi e Maki em função da ótima safra e dos rendimentos que obtiveram, decide doar um carro de bombeiro para o vilarejo de Satiho. Na foto Moichi a direita posa junto às autoridades da Prefeitura de Satiho e seu irmão ao lado esquerdo. Não podemos esquecer que o Japão neste período tentava se

recuperar da crise que gerara a migração de milhares de japoneses, e esta doação por pequena que nos pareça, foi bem recebida pela comunidade local.



FOTO 12 - DOAÇÃO À CIDADE NATAL – SATIHO – KUMAMOTO/JAPÃO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

Foto 13 - Em destaque da direita para a esquerda, Moichi e seu irmão posam junto ao grupo de bombeiros do vilarejo. Doação de um carrinho de bombeiro ao vilarejo de Satiho. Esta foto demonstra a importância desse feito junto à comunidade de origem. Incomum um imigrante retornar ao país de origem e muito mais, conseguir realizar este feito e demonstrar o progresso que a família conseguiu num país tão distante.



FOTO 13 - DOAÇÃO À CIDADE DE SATHO – KUMAMOTO/JAPÃO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1952)

7



FOTO 14 - FAMÍLIA DE TERUO E KAZUKO – ROLÂNDIA/PR  
FONTE: Acesso pessoal família Nakashima (1961)

Foto 14 - A família cresce, o progresso financeiro chega aos poucos. O casal Teruo e Kazuko posa com toda a família reunida, ao todo sete filhos, e uma nova residência no centro da cidade de Rolândia, onde os filhos iniciarão sua vida escolar. A educação sempre foi uma preocupação às famílias dos imigrantes, à medida que ascendiam financeiramente, maiores o desejo de que obtivessem melhores condições de trabalho, e que não precisassem passar pelos mesmos percalços de seus pais e avôs.



FOTO 15 - FAMÍLIA NAKASHIMA E FAMÍLIA UMEBARA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1947)

Foto 15 - Esta foto destaca a formação de uma nova família. À esquerda o casal Moichi e Maki, e ao centro seus dois filhos, Teruo o mais velho e Yoshitsugui o mais novo. Ao lado a família de sua irmã Yoshiko e Antonio Umebara com seus filhos. A família Umebara será a segunda família a ser analisada nesta pesquisa.

Foto 16 - Missa de falecimento dos pais de Moichi Nakashima, não se sabe de quantos anos, mas é tradição budista realizar ofícios no dia do falecimento, no 49º dia, no 1º ano, no 3º ano (2 anos de falecimento, conta-se mais o tempo da pessoa no ventre materno) - 7º ano (6 anos mais o período de gestação) - 13º ano (12) - 17º ano (16) - 25º ano (24) - 33º ano (32) - 50º ano (49) e 100º ano (99 anos de falecimento).

Entre os japoneses é muito forte o sentimento de venerar seus antepassados, e os imigrantes o faziam através do oratório budista. Para a família Nakashima, o oratório possui uma importância de destaque e extremamente respeitado pelo primogênito (chônami) da família, no caso Teruo (pai da pesquisadora).



FOTO 16 - MISSA DE FALECIMENTO  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1949)

Handa<sup>54</sup> enfatiza que no Japão o culto aos antepassados, incluindo a manutenção dos túmulos da família em bom estado e a realização de missas, era de responsabilidade do primogênito. O respeito às tradições sempre foi seguido por Teruo (chônami), o culto é diário, oferendas são depositadas e orações são realizadas. O oratório era encontrado em residências onde já havia falecido algum parente, porém pela dificuldade de trazer este objeto do Japão, ou mesmo pela dificuldade de confecção do mesmo, muitos improvisavam apenas um altar em casa e realizavam suas orações.



FOTO 17 - CASAMENTO DE AMIGOS – MARINGÁ/PR  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima (1950)

Foto 17 - O casal Moichi e Maki é convidado para padrinho de casamento de amigos. Em destaque a esquerda o casal Nakashima, à direita o filho Teruo. O

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 728.

casamento deste período seguia ainda as tradições do país de origem, eram arranjos matrimoniais (omia-kekkon), realizadas pelas famílias dos noivos, entre as famílias conhecidas nas colônias.

Foto 18 - Mutirão dos integrantes da colônia Fuji para a construção da residência da família Nakashima. Uma característica marcante entre os imigrantes foi o mutirão, ou trabalho coletivo entre os integrantes das colônias. Esta ajuda se dava em todos os momentos da vida do imigrante, seja na construção de sua casa, nas festividades fazendo os banquetes, na roça, ou na morte de um ente familiar com uma pequena ajuda financeira de todos os amigos e parentes, enfim foi esta ajuda mútua que no início da colonização manteve todos os colonos unidos e mais fortes contra as agruras da chegada.



FOTO 18 - MUTIRÃO DA COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA  
FONTE: ACERVO PESSOAL FAMÍLIA NAKASHIMA (1945)

Foto 19 - Em destaque Maki Nakashima. A manutenção das tradições culturais de origem, entre os imigrantes, se fizeram presentes desde a sua chegada, até os nossos dias. Manifestações artísticas e teatrais são mantidas e passadas pelos mais velhos aos seus descendentes, uma forma de preservar sua identidade e valores culturais herdados de seus antepassados.

Foto 20 - Na foto as avós das crianças acompanham suas netas, a esquerda Maki Nakashima e Akiko e a direita Keinio Kuabara e Teruko, filhas de Teruo Nakashima. Cerimônia religiosa budista equivalente ao batismo, quando os pais levavam as crianças ao templo budista para serem abençoadas.



FOTO 19 - GRUPO DE DANÇA- COLÔNIA FUJI/ROLÂNDIA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima [1960]



FOTO 20 - CERIMÔNIA RELIGIOSA BUDISTA  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima [1960]



FOTO 21 - TIME DE BEISEBOL DA COLÔNIA FUJI  
FONTE: Acervo pessoal família Nakashima [1952]

Foto 21 - Em destaque ao centro, o filho mais novo Yoshitsugui, de Moichi e Maki Nakashima. Os colonos japoneses introduziram o beisebol, esporte tradicional no Japão. A prática de esportes passa a ser intensamente promovida pelas associações de jovens, inclusive de torneios intercoloniais. Além do beisebol, o atletismo, judô, karatê, sumô, kendô, gate-ball e jogos de shogui (xadrez japonês) e go, foram introduzidos e assimilados rapidamente pelos paranaenses.

### 2.1.2 Família Umebara

Inossuke (1892-1944) e Sadae Umebara (1899-1952) chegaram ao Brasil em [1915?] da província de Kochi, na Ilha de Shikoku, Japão. Estabeleceram-se em Piracicaba e finalmente em 1935 compraram 20 alqueires de terras em Rolândia/Paraná, incentivados pela venda de terras da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Chegaram com três filhos, Tizuko a filha mais velha, Antonio Keiki e João Toshiki.

#### 2.1.2.1 Apresentação fotografias

Foto 22 - O casal Inossuke e Sadae adquirem 20 alqueires da Gleba Kyoei em Rolândia, em 1935. Juntamente com seus três filhos: Tizuru, Antonio e João, a cada ano veem sua propriedade produzir e prosperar. A família Umebara juntamente com mais duas famílias foram os pioneiros nesta região, o local prosperara em razão das excelentes terras para o cultivo de café, que após seu quarto ano oferecia uma grande produção de grãos. O local fora privilegiado por sua localização que quase não ocorriam geadas, ao contrário das demais seções (nome dado a estas divisões de terra).



FOTO 22 - COLÔNIA KYOEI – ROLÂNDIA - PR  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1952)

Foto 23 - Ao centro casal Inossuke e Sadae, a esquerda filho João, e a direita filho Antonio. O casal e seus dois filhos posam em frente a sua primeira residência no sítio (termo usado pelos colonos) Kyoei. À medida que chegavam às suas terras, os imigrantes construíam residências simples que servissem simplesmente para acomodá-los, à medida que conseguiam os rendimentos de sua produção iam reformando e ampliando para acomodar os novos membros da família.

Foto 24 - O casal posa junto a um pé de café de sua propriedade, anos de muito trabalho e a recompensa de ver os pés frondosos e carregados de frutos. Para que o café chegasse a esta condição, é preciso de quatro a cinco anos, o que foi favorecido pela ótima qualidade da terra da gleba Kyoei.



FOTO 23 - PRIMEIRA CASA DA FAMÍLIA UMEBARA  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1936)



FOTO 24 - CASAL INOSSUKE E SADAÉ  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara [Ca.1940]

Foto 25 - Velório de Inossuke Umebara, aos 52 anos de câncer nos rins. Estão presentes os amigos e parentes das colônias vizinhas. Em destaque a esquerda o filho Antonio e sua esposa Yoshiko, a direita o casal Moichi e Maki Nakashima, analisados também nesta pesquisa. Percebe-se uma cruz nas mãos de Antonio, o filho mais velho de Inossuke. Nesta família não vemos o oratório budista, este era comum em famílias que já haviam perdido um ente familiar, ou que já haviam mandado confeccioná-lo. Não podemos esquecer a dificuldade dos imigrantes quando aqui chegaram de trazer este objeto entre seus pertences, e também da sua fabricação.

Foto 26 - Casamento de Antonio, filho de Inossuke e Sadae, e Yoshiko, filha de Moichi e Maki Nakashima. Casaram-se em 1942, tiveram oito filhos, e prosseguem o sonho de seus pais de serem proprietários e produtores de um sítio de café. O casamento do casal seguiu as tradições de seu país de origem, foi um arranjo matrimonial entre famílias conhecidas (omia-kekkon).



FOTO 25 - ENTERRO INOSSUKE UMEBARA  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1944)



FOTO 26 - CASAMENTO ANTONIO UMEBARA E YOSHIKO NAKASHIMA  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1942)

Foto 27 - O casal Antonio (1918-1995) e Yoshiko (1922-2008) e seus cinco filhos, posam para uma foto de estúdio. Para o período, é um evento importante, reservado a ocasiões especiais da família, visto que são realizadas em estúdios e exige deslocamento de todos os membros.

Foto 28 - Antonio Umebara em destaque, junto de seus empregados em plena colheita do café. Percebe-se que a propriedade já possui muitos empregados, os pés produzindo frutos e aquisições importantes estão sendo realizados, como os dois caminhões para o carregamento da safra.



FOTO 27 - CASAL ANTONIO E YOSHIKO UMEBARA E FILHOS  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1953)



FOTO 28 - SÍTIO KYOEI – ROLÂNDIA/PR  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1948)



FOTO 29 - ESCOLA JAPONESA – GLEBA KYOEI  
 FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1955)

Foto 29 – Escola onde estudava os filhos Yoshie e Akira, de Antonio e Yoshiko Umebara. A educação escolar foi uma das maiores preocupações entre os imigrantes que aqui chegaram. Em todas as colônias foram os próprios imigrantes que construíram em regime de mutirão as instalações, e também mantinham financeiramente os professores. A escola era o local que se transmitia os valores do espírito do povo japonês, a honra, a hierarquia, a lealdade e a fidelidade, pilares do sistema familiar japonês.

Foto 30 – Casal posa com os filhos Katume e Mitsuyo, junto de seu novo carro. Com trabalho e esforço, a família vai conquistando o sucesso financeiro, a propriedade prospera, os filhos recebem uma educação que muitas vezes os pais não tiveram oportunidade no início da colonização, enfim todo o trabalho agora está sendo recompensado.



FOTO 30 - CASAL ANTONIO E YOSHIKO COM SEUS FILHOS  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1957)

Foto 31 – Em destaque casal Inossuke e Sadae Umebara em festa de casamento de amigos. Os casamentos nas colônias foram uma das ocasiões mais festejadas entre os colonos. Seguiu as tradições do país de origem, porém já mesclados aos costumes locais. A vestimenta era a ocidental, porém todo o ritual seguia ainda os do casamento arranjado (omia-kekkon).



FOTO 31 - CASAMENTO DE AMIGOS – GLEBA KYOEI  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara [ca.1940]



FOTO 32 - CERIMÔNIA BUDISTA – GLEBA KYOEI  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1956)

Foto 32 - As duas filhas de Antonio e Yoshiko em cerimônia budista, equivalente ao batismo. Reuniam-se as meninas das colônias para serem abençoadas em um templo budista. Esta foi uma tradição antiga, realizada neste período pelos primeiros imigrantes aqui chegados. São perguntarmos sobre pó significado deste ritual, muitos dos descendentes não sabem o seu significado real.

Foto 33 - Em destaque João irmão de Antonio Umebara em peça teatral. No dia 31 de outubro era comemorado o dia do aniversário do imperador japonês, considerado por todos como uma divindade. Era um dia festivo nas colônias, onde era comum lerem-se os editos imperiais, cantar o hino nacional japonês e realizarem-se diversas atividades culturais. O tenchôsetsu era uma encenação teatral, em trajes típicos, geralmente realizados pelos jovens da comunidade. Também neste dia realizava-se o undokai, que consistia numa série de atividades competitivas entre os integrantes da colônia, como também a apresentação da luta sumo.



FOTO 33 - APRESENTAÇÃO DE TEATRO JAPONÊS  
 FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1940)

Foto 34 - João, irmão de Antonio em visita à família. Em destaque casal e seus filhos, e ao lado esquerdo Sadae sua mãe. João (+1967) era o irmão mais novo de Antonio, foi vereador da cidade de Rolândia em 1959, pelo partido UPC. À medida que os imigrantes foram se adaptando à região, também foram conseguindo uma inserção na sociedade local. João além de político, também foi proprietário do Posto Texaco, do Bazar Bandeirantes e da Máquina de Café Bandeirantes. À medida que a integração e inserção ocorriam, nos diversos setores da sociedade, seus valores culturais foram sendo adaptados e articulados para uma convivência construtiva, e consolidando e ampliando assim, a rede de relações entre brasileiros e os descendentes.



FOTO 34 - VISITA DO IRMÃO JOÃO A ANTONIO – ROLÂNDIA.  
FONTE: Acervo pessoal família Umebara (1950)

### 3 ARTE E VIDA CAMINHANDO JUNTOS. HARUO OHARA

Os primeiros lotes vendidos em Londrina situavam-se na Gleba Cambé, distrito de Londrina, sendo o lote número 1 (Colôni Ikku – primeira) de 20 alqueires, comprado por Massaharu Ohara em 28 de março de 1930<sup>55</sup>. Massaharu era pai de Haruo Ohara, cuja obra será analisada nesta pesquisa.

Massaharu Ohara nasceu na província de Kochi em 1888 e chegou ao porto de Santos em 1927. Trabalhou na agricultura em Santo Anastácio (SP) e com a família, Kunjiu a esposa e seis filhos, se mudaram para Londrina em 1933. “Foi líder da colônia e um dos fundadores da Cooperativa Mista de Londrina”<sup>56</sup>.

Haruo Ohara, filho de Massaharu, nasceu em 1909 (+1999), em Koshi, na ilha de Shikoku, no Japão. Chegou ao Brasil em 1927 com 17 anos de idade juntamente com seus pais, era o mais velho dos filhos (chônã). Haruo recebeu toda sua educação escolar no seu país de origem. Instalaram-se na Gleba Cambé em 1933, onde passaram a cultivar café, frutas e flores. Em 1934 casa-se com Kô, tiveram nove filhos, sendo que uma filha veio a falecer de acidente de carro.

Haruo e a família viveram na colônia Ikku, até o ano de 1951, quando sua propriedade foi vendida para dar lugar à construção do aeroporto de Londrina. Todos os lotes da Gleba Cambé foram desapropriados pelo governo. Os Ohara então compraram um sobrado na região central de Londrina e mantêm ainda um lote de terras da Gleba Ribeirão Palmital, no município de Terra Boa.

Por ocasião de seu casamento, fotografado pelo fotógrafo José Juliani, Haruo inicia sua paixão pela fotografia. Foi através do fotógrafo que adquire sua primeira máquina e aprende a manuseá-la, iniciando-se décadas de dedicação à arte de fotografar. A primeira fotografia foi feita em 1938, um retrato da esposa Kô.

Haruo volta-se à fotografia como arte e ofício, desenvolvidas através da prática e estudos intensivos na técnica de fotografar. Aficionado na arte de fotografar, sempre foi um autodidata, procurava em livros, revistas, publicações periódicas, no contato com outros fotógrafos, lapidar seus conhecimentos.

---

<sup>55</sup> IGARASHI, op. cit. p. 120

<sup>56</sup> SETO, Cláudio. UYEDA, Maria Helena. Bushidô. Caminho do Guerreiro Semeador. 2009. p. 215

Possuía uma sensibilidade apurada em perceber a natureza abundante que o cercava, e esta representação Haruo apresenta em suas produções. Utiliza efeitos de luz e sombra, criando silhuetas de paisagens e pessoas, como também conseguia perceber a ambiguidade da natureza, ao nos presentear com uma natureza produtiva, de fartura e riqueza da terra, como também de uma natureza vencida e melancólica após uma forte geada.

Haruo não tinha a preocupação de representar a vida e a natureza seguindo protocolos socioeconômicos e políticos comuns aos fotógrafos profissionais. Sua produção apresenta uma liberdade de olhar a natureza no seu todo, de mostrar seu respeito e admiração pela força imprevisível que dela emana, do espetáculo que a cada amanhecer e entardecer ela proporciona.

“Suas fotografias eram pensadas e planejadas mentalmente com grande precisão, de modo que era comum Haruo posicionar seus entes queridos em um lugar específico, para executar uma ação específica, em dias e horas também específicas. Todos os detalhes eram minuciosamente estudados e planejados.”<sup>57</sup>

A natureza, autoretratos, flores, frutas e a família, são temas recorrentes em seu acervo. Suas fotografias não contemplam o acaso, mas eram mentalmente planejadas. Não se vê a postura rígida dos personagens, mas expressões mais relaxadas, menos rígidas que das demais famílias analisadas.

A natureza para Haruo era a que proporcionava seu sustento e da família, que perpetuava a espécie, que lhe proporcionava imagens exuberantes a cada dia, como também cenas de conformidade e pequenez diante das intempéries que provocava.

Deixou cerca de 8.000 negativos em preto e branco, e outros 10.000 em cores, dezenas de álbuns, centenas de fotografias de época, como também equipamentos fotográficos, objetos e documentos pessoais, diários e livros. A família decidiu então doar todo este acervo ao Instituto Moreira Salles em 2008, que passou a ser tratado e preservado na Reserva Técnica Fotográfica do IMS, no Rio de Janeiro<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> EDONGO, Patrícia. SILVA, Angelo. Poemas em branco e preto: os auto-retratos de Haruo Ohara. Artigo. RBSE 8 (24): 648-703, Dez 2009. ISSN 1676-8965. P. 648-703. p. 682

<sup>58</sup> BURGI, Sérgio. Haruo Ohara. Fotografias. IMS, Instituto Moreira Salles. SESI. 2008

Haruo foi homenageado com um livro biográfico, “Lavrador de Imagens”, de Marcos Losnak e Rogério Ivano, também citado em inúmeras monografias, livros e artigos, e de uma curta metragem –Haruo Ohara – que venceu o Festival de Gramado em 2010. Também em vida, recebeu diversos prêmios por seus trabalhos em exposições nacionais e internacionais, Haruo vendeu pouquíssimas obras, seu prazer era o de fotografar.

### 3.1 APRESENTAÇÃO FOTOGRAFIAS

Foto 35 - Em destaque Haruo Ohara à direita. A família Ohara comprou o primeiro lote da Gleba Cambé, distrito de Londrina. Foi o primeiro núcleo implantado na área de colonização aberta pela Companhia de Terras do Norte do Paraná em 1929. Este lote tinha 20 alqueires e chamava-se Ikku (primeira), a família Ohara comprou o primeiro lote de terras vendidas pela companhia em 1930. Foram os pioneiros da região, abriram a floresta a machados e cortadeiras, e viram o progresso agrícola chegar à cidade de Londrina. Além do café, plantaram flores e frutas, o que favoreceu a prosperidade da família.

Foto 36 - Fotografia de 1949, a estrada que dava para o lote de Haruo que foi desapropriada para a construção do aeroporto de Londrina. Fotografou sem a intenção do registro histórico o desenvolvimento de Londrina, o crescimento urbano, o desmatamento da mata virgem, enfim Londrina despontando entre as cidades mais progressistas do norte do Paraná. Muitas de suas fotografias foram utilizadas em livros de história, que contam o desenvolvimento agrícola da região, como também em artigos e monografias acadêmicas.



FOTO 35 - HARUO OHARA E OS PRIMEIROS PÉS DE CAFÉ, GLEBA CAMBÉ – [1930]  
FONTE: Foto tirada por Haruo Ohara. In: Losnak e Ivano. Lavrador de Imagens: Uma Biografia de Haruo Ohara.2003



FOTO 36 - CABECEIRA DA CHÁCARA ARARA, 1949. LONDRINA/PR  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S.,2008



FOTO 37 - CASAMENTO DE HARUO E KÔ, EM 17/07/1934 – LONDRINA/PR

FONTE: Foto tirada pelo fotógrafo José Juliani. In: LOSNAK, IVANO. Lavrador de Imagens: uma Biografia de Haruo Ohara. 2003

Foto 37 - Foto de casamento de Haruo Ohara e Kô Sanada, tirada pelo fotógrafo José Juliani, o retratista itinerante da Companhia de Terras do Norte do Paraná. Kô sua esposa, era filha dos proprietários vizinhos de seu sítio. O casamento foi realizado no inverno de 1934, seis meses antes da fundação de Londrina. Sua primeira casa foi feita com troncos de palmito e coberta com telhas de madeira.<sup>59</sup> Foi a partir deste momento que Haruo inicia sua paixão pela fotografia, Juliani foi quem vendeu a primeira máquina de Haruo.

---

<sup>59</sup> Informações retiradas do livro Haruo Ohara. Fotografias. IMS.2008



FOTO 38 - FAMÍLIA REUNIDA, C.1940 – CHÁCARA ARARA, LONDRINA/PR  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008

Foto 38 - Haruo posa com Kô e seus filhos, tiveram nove filhos, vindo a falecer uma filha em acidente de carro. Haruo cultivou a terra com maestria e simultaneamente fotografou por décadas sua família e a natureza que os cercava. Fotografava o desenvolvimento de seus filhos, de sua propriedade, do desenvolvimento de sua cidade, e principalmente fotografava sua companheira de 39 anos de casados.

Foto 39 - Fotografia tirada em 1940 após uma forte geada que destruiu os pés de café de sua propriedade. Conseguiu expressar na imagem, toda a força da natureza, da qual nada se podia fazer. Eram essas as impressões que Ohara conseguia transmitir em suas imagens, uma forma de retratar todo o sentimento visível frente às intempéries da natureza.



FOTO 39 - ENTRE PÉS DE CAFÉ DESTRUIDOS PELA GEADA, 1940/ LONDRINA/PR.  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S.,2008

Foto 40 - Em destaque o casal Haruo e Kô. Foto da família reunida no lote Ikku, antes da desapropriação realizada pelo governo. Todos os lotes da Gleba Cambé foram desapropriados para dar lugar ao aeroporto de Londrina. Foram quase duas décadas lavrando estas terras, prosperou, constituiu uma família numerosa, realizou o sonho de seus pais quando saíram de sua terra natal. Haruo como os demais imigrantes que aqui chegaram, contribuíram para o desenvolvimento de uma das regiões mais prósperas do Paraná, prosperaram a custa de muito trabalho, mas a terra lhes retribuiu com a fartura do café.



FOTO 40 - UM DOS ÚLTIMOS RETRATOS DA FAMÍLIA OHARA NO LOTE 1 (IKKU), 1949.  
 FONTE: LOSNAK E IVANO. Lavrador de Imagens: uma Biografia de Haruo Ohara.2003

Foto 41 - Foto tirada no terreiro de sua propriedade, com seus filhos brincando. Foram seis mil pés de café produzindo, roseirais, orquídeas, parreiras e abacateiros, que deram lugar ao progresso da cidade de Londrina, quando sua terra foi desapropriada. Quase duas décadas lavrando sua terra, Ihe trouxeram prosperidade financeira, o casamento com Kô, nove filhos, e principalmente o amor pela natureza registrada em suas inúmeras fotografias.

Foto 42 - Foto da avó e filhos de Haruo. O respeito aos mais velhos e a hierarquia familiar, a disciplina e a devoção filial, são os pilares da educação japonesa e característica do espírito do povo japonês. Os imigrantes procuraram transmitir e preservar estes valores culturais às gerações seguintes, e era através da estrutura familiar que se baseavam estes vínculos. Haruo consegue nesta foto, demonstrar todo o respeito e entrosamento das novas gerações com os mais idosos.

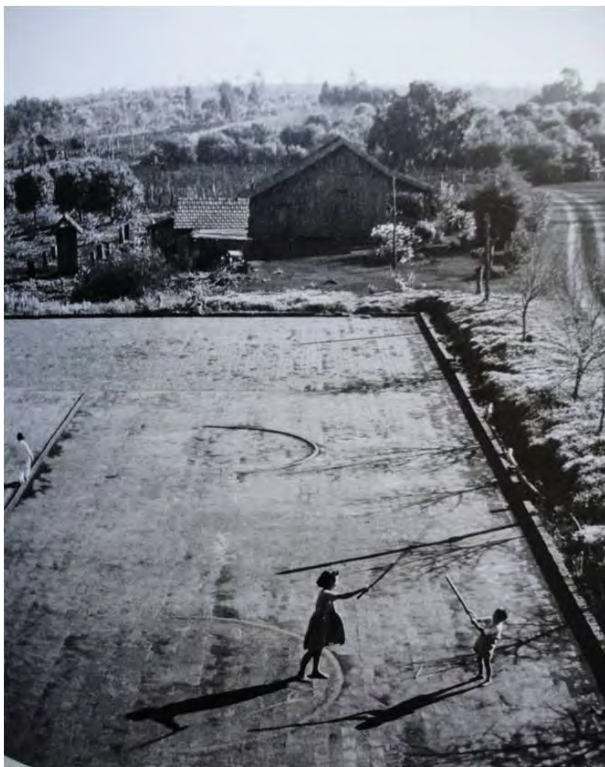


FOTO 41- CRIANÇAS BRINCANDO NA CHÁCARA ARARA, 1950, LONDRINA/PR.  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. 2008



FOTO 42 - UMEJI OHARA, AVÓ E FILHOS DE HARUO, CHÁCARA ARARA, 1950, LONDRINA/PR.  
FONTE: BURGI, Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008



FOTO 43 - NUVEM DA MANHÃ, 1952 – TERRA BOA/PR.  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008

Foto 43 - Após a desapropriação da colônia Ikku para a construção do aeroporto da cidade, a família compra um novo lote no Município de Terra Boa, próximo de Londrina. Agora Haruo entrega sua terra aos cuidados de meeiros e passa mais tempo na cidade. Procura agora dedicar-se mais á fotografia, a frequentar mais o meio cultural e artístico. Suas fotografias rodaram inúmeros salões no país e até no exterior, eterno autodidata continua a aperfeiçoar seu conhecimento da fotografia.<sup>60</sup> Haruo consegue através da imagem, representar a interação do homem com a força da natureza que o cerca, e na qual ele próprio está inserido.

---

<sup>60</sup> EDONGO, Patrícia. SILVA, Ângelo. Poemas em branco e preto; Os auto-retratos de Haruo Ohara. Artigo. 2009.

Foto 44 - Encenação teatral em homenagem ao dia comemorativo do nascimento do Imperador japonês. O dia 31 de outubro era um dia festivo nas colônias, onde era comum lerem-se os editos imperiais, cantar o hino nacional japonês e realizarem-se diversas atividades culturais. O tenchôsetsu era uma encenação teatral, em trajes típicos, geralmente realizados pelos mais jovens da colônia.



FOTO 44 - TEATRO AMADOR – SESSÃO IKKU, 1949/LONDRINA/PR  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008

Foto 45 - Após a venda do lote Ikku, a família Ohara muda-se para o novo sobrado recém-construído, a primeira casa de alvenaria da família na Rua São Jerônimo, no centro de Londrina. Prosperara, quase duas décadas lavrando a terra até que fora desapropriado para a construção do aeroporto de Londrina. Um novo recomeço para a família. Passa a residir no meio urbano, mas manteve-se como

agricultor. Agora entrega suas terras a meeiros, divide seu tempo entre a agricultura e sua paixão pela fotografia.



FOTO 45 - SOBRADO RECÉM-CONSTRUÍDO, RUA SÃO JERÔNIMO, 1950 – LONDRINA/PR.  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008

Foto 46 - Foto tirada na colônia Mineira, nova propriedade de Haruo, no município de Terra Boa, pouco antes de completar as Bodas de Prata. Um autorretrato contraluz. Um novo recomeço para o casal, desta vez entregou a terra aos cuidados de meeiros e foi morar na cidade, pela primeira vez em casa de alvenaria. Prosperou à custa de muito trabalho e dedicação, a terra lhe proporcionou todos os bens materiais, e mais do que isso, lhe proporcionou anos de dedicação a simplesmente capturar em imagens toda a beleza da natureza.



FOTO 46 - HARUO E KÔ, ÀS VÉSPERAS DAS BODAS DE PRATA, 1959. LONDRINA/PR  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S., 2008



FOTO 47 - INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO DE LONDRINA, 8 DE ABRIL DE 1956.  
FONTE: BURGI. Haruo Ohara. Fotografias. I.M.S. 2008

Foto 47 - Inauguração da pista de asfalto do novo aeroporto de Londrina. Haruo ao fotografar sua terra desapropriada, também fotografa a história do desenvolvimento da cidade. O progresso cede lugar aos interesses pessoais. Com a desapropriação do lote Ikku, a família muda-se para o centro de Londrina, sua primeira casa de alvenaria. Compram também um lote em Terra Boa, mas agora o entrega aos cuidados de meeiros. Prosperou, em cerca de uma década tinha quatro escritórios comerciais em Londrina e lotes rurais até em Mato Grosso. Acabou perdendo tudo para pagar dívidas de seu genro em seu nome. A partir daí foi lentamente se apagando, enterrou Kô em 1973, até falecer em 1999.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Informações retiradas do livro Haruo Ohara . Fotografias. IMS, 2008.

## O SENTIDO DO RETRATAR. NOSSA CONCLUSÃO

Após analisarmos as três trajetórias de vida e de seus acervos fotográficos, pudemos perceber que a ação de fotografar, e a intenção no que se quer capturar em suas imagens, dependerão do universo simbólico do fotógrafo, e do contexto histórico em que este está inserido.

As fotografias das famílias Nakashima e Umebara, são fotografias que visavam o registro sucessivo de momentos da vida dos retratados. São representações uniformes do cotidiano da família, do trabalho, do lazer, do convívio com os integrantes da colônia.

Na imagem capturada, não havia a preocupação artística como a de Haruo, de integrar a natureza às suas paisagens e aos fotografados. A natureza naturalmente fazia parte da cena, do dia a dia, da vida do imigrante. As imagens registravam os ritos de passagem das famílias, o crescimento de seus filhos, do progresso de sua propriedade e de sua família, do nascimento e da morte de seus integrantes, enfim da vida que seguia seu percurso.

Já a produção de Haruo, denota o lado artístico do autor, de sua sensibilidade apurada em interagir-se com a natureza, tentando capturá-la em seus negativos. Não tinha pressa, suas imagens eram preparadas, pensadas, sentidas. O título de sua biografia resume todo o seu trabalho e sua arte, “Lavrador de imagens”.<sup>62</sup>

Os retratos de famílias pressupõem uma padronização em retratar os ritos de passagem, porém devem-se levar em consideração os diferentes contextos que se localizam os retratados. Estes contextos variados destacam as diferentes camadas sociais, diferentes regiões do Brasil, a bagagem cultural trazida de seus locais de origem, seus traços físicos, vestuários e hábitos diferentes.

O historiador deve estar atento à leitura destes contextos que estão inseridas as imagens, e que possuem diferentes sentidos. É preciso, portanto, o conhecimento prévio destas realidades para saber interpretá-las, e compreender o significado latente na imagem. A leitura da fotografia exige uma formação cultural e intelectual do leitor, assim como, “aprender a olhar, a sentir e a captar o invisível, a tornar-se

---

<sup>62</sup> LOSNAK; IVANO. Lavrador de Imagens: uma Biografia de Haruo Ohara. 2003.

visível”<sup>63</sup>. É preciso principalmente que o olhar do historiador, também, seja sensível sobre o olhar do outro.

“De pouco valem os métodos utilizados, se o historiador não refaz os laços com o objeto, para fazer ressurgir o que está latente na imagem. Deve de alguma forma encontrar o elo partido e dar voz ao momento passado, àquela narrativa interrompida na imagem”.<sup>64</sup>

A fotografia pode captar detalhes que escapam à linguagem oral ou textual, possibilita uma percepção diferenciada da realidade. Podemos até perceber, relances de como se deu a construção da identidade entre as duas nacionalidades negociadas, a do nipônico e a do brasileiro, através do acervo pesquisado.

Burke afirma que as imagens informam sobre o mundo e sobre a vida congelada nas imagens, que são elas próprias evidências da história e a própria história. Não é um documento que consagra a verdade, mas a elaboração de uma realidade. Segundo Bourdieu, a fotografia não é apenas um reflexo de um fragmento da realidade cristalizada no tempo e no espaço, mas é a representação de um universo de escolhas do indivíduo, e esse determinado pelo contexto sociocultural que se insere.

Podemos concluir então que, as fotografias analisadas e suas imagens capturadas, representam o mundo do imigrante japonês, neste novo contexto em que foi inserido. Precisou através desse novo recomeço aprender a lidar com uma nova cultura, novos hábitos e costumes de vida, novos códigos e símbolos sociais. À medida que a integração e assimilação de uma nova cultura ocorriam, novos valores sociais foram acrescentados, novos elementos foram introjetados, porém ficam evidentes nas imagens que a representação da nipocidade ainda perdura.

---

<sup>63</sup> MOREIRA LEITE, op. cit. p. 164.

<sup>64</sup> Ibid., p. 12,13.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Um contexto, dois olhares**: fotografias de natureza segundo José Juliani e Haruo Ohara. 19 f. Artigo História Social, Campinas – SP. Nº 11, 2005. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rbs/article/view/157/148>. Acesso em 29 jun. 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. SP: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BURGI, Sérgio (org). **Haruo Ohara**: fotografias. Instituto Moreira Salles, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. História e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. SP: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 1977.
- EDONG, Patrícia J. S.; SILVA, Angelo J. **Poemas em branco e preto**: os autorretratos de Haruo Ohara. 55 f. Revista RBSE, v.8, n 24, dez 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE>
- HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- HARADA, Kiyoshi (coord.) **O Nikkei no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete; OKAMOTO, Monica. **Cem anos da imigração japonesa**. História, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008.
- IGARASHI, Toshio; SCHWARTZ, Widson (texto); OKABAYASHI, Estela (coord. geral). Tradução e versão: M. Egashira; Paulo M. Tsuchiy; S. Hasizume. **História da imigração japonesa no Paraná**. Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná, 2005.
- KIMU, Rosangela. **Perigo amarelo**. Revista de História da Biblioteca Nacional. 01/05/2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/perigo-amarelo>.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. SP: Ateliê Editorial, 2002.
- LESSER, Jeffrey. Tradução: Patrícia de Queiróz C. Zimbres. **A negociação da identidade nacional**. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.
- LOSNAK, Marcos. IVANO, Rogério. **Lavrador de imagens**: uma Biografia de Haruo Ohara. Londrina: Saulo Haruo Ohara, 2003.
- MICHELON, Francisca Ferreira (org.); TAVARES, Francine S. **Fotografia e memória**. Ensaios. Pelotas: Ed. e Gráfica Universidade da UF Pelotas, 2008.

MOREIRA LEITE, Míriam. **Retratos de família**. Leitura da fotografia histórica. EDUSP. Editora da Universidade de São Paulo.

OGUIDO, Homero. **De imigrantes a pioneiros**: a saga dos japoneses no Paraná. Comemoração dos 80 anos da Imigração japonesa no Brasil. Londrina: Gráfica Ipê, 1988.

SAITO, Hiroshi. MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes: Universidade de São Paulo, 1973. Coleção Estudos Brasileiros 4.

SETO, Cláudio. UYEDA, Maria Helena. **Bushidô**. Caminho do guerreiro semeador. 100 anos da presença japonesa no Paraná. Vol. Gráfica e Editora 43 AS, 2009.

SONTAG, Suzan. **Ensaio sobre a fotografia**. Tradução de Joaquim de Paiva. RJ: Arbor, 1981.

WAWZYNIAK, Sidinalva. **História de estrangeiros**. Passos e traços de imigrantes japoneses (1908-1970). Tese de Doutorado. UFPR, 2004.

**HARUO OHARA**. Direção de Rodrigo Grotta. Brasil (PR), 2010. Curta metragem. Produtora: Kinoarte. Duração 16 minutos. Disponível em: <http://www.curtasmetragens.com.br/index.php/haruo-ohara-uma-realizacao-da-kinoarte/>